

## PAUL VALÉRY: O TEÓRICO ESQUECIDO PELA TRADUÇÃO

Flávia Lúcia Espíndola Silva (doutoranda/UFF)

Traduzir Paul Valéry. Este é nosso objetivo ao cursar o doutorado. Mas traduzir Valéry? O que há de novo nessa tarefa? Tantos já o fizeram. Em qualquer antologia poética encontra-se Valéry. O Valéry de *Cemitério marinho*, de *Charme*, de *A jovem parca* e muito outros versos. Mas, além de seus versos, existe um outro Valéry, mais veemente, mais crítico, um visionário – ousamos dizer. Além de seus versos, existe todo um tesouro "escondido" esperando ser revelado para aqueles que não têm o privilégio de conhecer a língua de Molière.

O renomado poeta francês possui uma extensa produção crítica quase que completamente desconhecida do público brasileiro. É verdade que alguns de seus ensaios já foram vertidos para o nosso vernáculo, porém textos magistrais continuam adormecidos, aguardando o trabalho de um tradutor. Esta é nossa pretensiosa tarefa: tornar textos tão significativos acessíveis, vertendo-os para o português e revelando, assim, um outro Valéry, que vai além da métrica.

É preciso tornar o nome de Paul Valéry conhecido entre nós pelo conjunto de sua obra e não apenas por sua poesia. É preciso revelar a faceta de crítico do poeta, uma vez que, na língua de Camões, temos traduzidos alguns – poucos, é bem verdade – ensaios críticos extraídos de *Introdução à poética* e alguns fragmentos dos *Cahiers*. Daí, a necessidade de traduzir seus ensaios teóricos. Afinal, suas observações e suas inquietações antecipam observações e inquietações – que hoje estão em voga –, além de estarem presentes no pensamento de vários intelectuais de nossos dias.

Junto ao Mediterrâneo, o jovem Valéry cresceu observando o vai-e-vem das ondas, o fluxo da maré, o ritmo do mar. Fascinado por tal ritmo, Valéry compõe seus versos e seus ensaios críticos. Em cada movimento da pluma, em cada linha valéryana, o ritmo faz-se presente. Afinal, o pensamento humano é uma grande maquinaria ritmada. Graças a este mesmo Mediterrâneo e ao seu ambiente luminoso, a sensibilidade do jovem foi despertada.

Sua vida margeia-se em/por dois grandes fatos históricos: a Comuna, em uma ponta, e o fim da Segunda Guerra Mundial, em outra. Valéry, mesmo mantendo-se à parte dos grandes acontecimentos, soube analisá-los com maestria.

Ousamos dizer que sua maior contribuição para a teoria literária e para a sociedade como um todo não seja assinada pelo poeta e sim por este Valéry teórico, tão pouco freqüentado em nossas Academias. Sim, a poesia o glorificou. Entretanto, esta não representa um décimo de

sua obra publicada. O próprio Valéry não se considerava poeta e negava, veementemente, o posto de destaque que lhe foi atribuído na literatura francesa. Em 1923, numa carta a Charles Du Bois, escreveu:

Querem que eu represente a poesia francesa. Tomam-me por um poeta! Mas eu estou farto da poesia. Ela só me interessa eventualmente. E é por acaso que escrevo versos. Eu seria exatamente o mesmo se não os tivesse escrito. Isto é, aos meus olhos, eu teria o mesmo valor. A poesia não tem importância para mim.

Valéry considerava a si mesmo e a todo e qualquer poeta como um "engenheiro" das palavras. Afirmava ser preciso estar atento à estrutura. Ser preciso sentir e seguir o ritmo do oceano de palavras que jorra da alma do escritor. Ser preciso respeitar tal ritmo:

Para agir *pela* linguagem, o escritor age *sobre* a linguagem, exercendo sobre esta – por sua conta e risco – uma ação artificial, isto é, deliberada, reconhecida. Se o lingüísta é comparado a um físico, o escritor se compara a um engenheiro e, por isso, obtém êxito ao recorrer à lingüística. *Naturae non imperatur nisi parendo* – importa-lhe ter uma idéia precisa das leis maiores da linguagem para utilizá-las com finalidade própria para executar a obra do homem que consiste em opor, sempre, a natureza à natureza.<sup>1</sup>

E assim também é o tradutor: aquele que se preocupa em seguir o ritmo de um dado texto, preenchendo o branco da folha com seus próprios vernizes, deixando-se levar pelo ritmo do outro, deliciando-se e, às vezes, desesperando-se na aventura em busca do ritmo certo, da palavra exata, da composição perfeita para construir a "sua" obra.

Valéry também possuiu uma vertente "tradutor". Sua aventura maior nesta área foi a tradução de *Bucólicas*, de Virgílio. Antecedendo a tradução propriamente dita, Valéry escreve suas "Variações sobre *Bucólicas*". Nelas, discorre sobre a riqueza da língua latina face à pobreza da francesa, sobre a história do latim, sobre a relação entre a Poesia e os regimes governamentais, sobre o papel do poeta e – o que mais nos chamou a atenção – sobre o trabalho do tradutor. Diz Valéry:

O poeta é uma espécie singular de tradutor que traduz o discurso ordinário em "linguagem dos deuses". Seu trabalho interno consiste

---

<sup>1</sup> VALÉRY, Paul. Os direitos do poeta sobre a língua. In: *Oeuvres II*. Paris: Gallimard. (Pléiades), 2000.

não em procurar palavras para suas idéias mas em procurar idéias para suas palavras e seus ritmos predominantes.(VALÉRY, 1960, p.212)

O poeta formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Montpellier. Apaixonado por Matemática e Música, lança-se também à poesia – sempre o ritmo. Seus primeiros versos são publicados em 1889 na *Revue maritime de Marseille*. Já na capital, nos idos de 1893, conhece André Gide e Stéphane Mallarmé, de quem torna-se amigo.

Ao se instalar em Paris, Valéry, abalado por uma grave crise moral e sentimental, deixa de lado a pena e trabalha como redator do Ministério da Guerra. Foi um longo período de silêncio no qual o poeta mergulhou em si mesmo em busca de auto-conhecimento e do conhecimento do mundo. Nesta época, deu início aos seus *Cahiers*, que, apenas depois de sua morte, foram publicados. Neles, Valéry apontava diariamente a evolução de sua consciência e de suas relações com o tempo, o sonho e a linguagem.

Já nos idos de 1900, questionava o fazer literário, as possibilidades da Literatura e da Linguagem, a inserção do sujeito na História, do sujeito à História e do sujeito da História e – pasmem – previa a necessidade de uma globalização. Diz Valéry:

Se o mundo moderno não deve se transformar em uma ruína universal e irremediável dos valores criados através dos séculos de hesitações e de experiências diversas e se – segundo não sei quais problemas e quais vicissitudes – se deve esperar um certo equilíbrio político, cultural e econômico, é preciso considerar a probabilidade de que, ao invés de se oporem pelas diferenças de todos os gêneros, as diversas regiões do globo se complementam nelas. Elas poderão, cada vez mais, participar mais livremente e racionalmente da obra comum da vida.(VALÉRY, 1960, p.989)

Em seus duzentos e sessenta e um cadernos - os *Cahiers*, Valéry escreve “para si mesmo”, sem se preocupar com a forma, exercendo sobre a língua todos os seus "direitos de autor": sem rebuscamento, muitas vezes, sem clareza e sem coerência, mas com algumas contradições. Os *Cahiers* são, antes de tudo, elaborações mentais que o autor pontava diariamente. Idéias que suscitam de uma mente inquieta e visionária. Elaborações que organizam o "método de Paul Valéry", exercício interminável do intelecto, um conjunto de reflexões, análises, observações e questionamentos sobre o pensamento humano, sobre sua natureza, seus limites, seu mecanismo e, sobretudo, suas possibilidades.

Valéry revela-se um intelectual ansioso, pouco seguro de si mesmo, mas sempre consciente de suas próprias imperfeições. Algumas idéias são marcantes e recorrentes, como a da impossibilidade de uma linguagem pura.

As recorrentes citações de Valéry nos recentes escritos de pensadores e estudiosos da literatura nos fazem questionar a vasta literatura crítica sobre o poeta Paul Valéry e o inexpressivo estudo sistemático do escritor como pensador e teórico.

Por que os textos teóricos valéryanos são textos praticamente desconhecidos e são tão pouco os traduzidos, se possibilitam reflexões teóricas ilimitadas? Por que a nossa Academia "se esqueceu" deste Valéry tão presente em nossos dias, em nossas reflexões? Ou melhor, por que nossa Academia não se interessa em tornar tais reflexões acessíveis?

Se a tradução é uma das formas de refletir uma sociedade, uma cultura, idéias e ideais, traduzir este Valéry teórico é preencher as lacunas do tempo; é mostrar a atualidade deste homem ou – vendo por outros olhos – é comprovar o quanto são antigas as nossas "descobertas".

Ao traduzir este Valéry teórico comunica-se as idéias que circulam pelo mundo, se propaga e se multiplica pensamentos e – por que não dizer – se promove um desenvolvimento sócio-cultural. A multiplicidade das línguas foi a punição divina para aqueles que ousaram ir além de seus limites. A tradução veio como uma ponte: uma saída para o abismo das muitas línguas. Saída esta que aproxima culturas, ideologias, Histórias e sociedades.

Toda e qualquer tradução é um exercício de crítica uma vez que é completa e total construção/reconstrução – tal qual nos diz Valéry a respeito da vida. Traduzir é produzir uma interação cultural. É tomar consciência da especificidade, da originalidade de cada língua. E da tradução fazer emergir a história e fazer manifestar as implicações sócio-culturais divergentes.

Traduzir Valéry é olhar o mundo com os nossos próprios olhos utilizando-nos da aquarela pintada por este grande mestre. É ser fiel ao discurso sem nos perder nas amenidades da língua. É lapidar cada sentença como se fosse um diamante raro e, na busca pela perfeição, não ambicionar tocar o céu – tal qual no mito de Babel – para viabilizar a comunicação entre os homens. Traduzir Valéry – o ensaísta crítico – é resgatar idéias e ideais "antigos" – mas não ultrapassados. É resgatar um homem além de seu tempo.

## **Bibliografia**

- ARROJO, Rosemary. *Oficina de Tradução*. São Paulo: Ática, 1997. (Princípios, 74).
- MELLO, Maria Elizabeth Chaves de. *Lições de crítica*. Niterói, RJ: EDUFF, 1977.
- MESCHONNIC, Henri. *Poétique du traduire*. Paris: Verdier, 1999.
- MOUNIN, Georges. *Les problèmes théoriques de la traduction*. Paris: Gallimard, 1963.
- PAES, João Paulo. *Tradução: a ponte necessária*. São Paulo: Ática, 1997.
- RONAI, Paulo. *Babel e Antibabel*. São Paulo: Nova Fronteira, 1970.
- SELESKOVITCH, D.; LEDERER, M. *Interpréter pour traduire*. Paris: Didier, 1986.
- VALÉRY, Paul. *Introduction à la Poétique*. Paris: Gallimard, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Oeuvres II*. Paris: Gallimard. (Pléiades), 2000.